

# Ordenamento

## não existe uma visão global para o país

Quando era politicamente incorrecto falar de ambiente, ecologia, ordenamento do território ou urbanismo, Gonçalo Ribeiro Telles já fazia ouvir a sua voz. Uma luta solitária e persistente que se tornou uma referência para todos os que se preocupam com o difícil equilíbrio do mundo em que vivemos. Hoje em dia, Ribeiro Telles continua a recusar pactuar com aquilo que chama "o reino da confusão" e afirma que ainda estamos muito longe do que deveriam ser as cidades do futuro. Para este arquitecto paisagista, o Programa Polis não vai resolver o "desordenamento" urbano em que vivemos e mostra-se muito preocupado com a destruição das quintas e aldeias históricas em redor de Lisboa, em nome dos interesses imobiliários. Uma entrevista desassombrada e inquietante de alguém que diz não ser pessimista, mas apenas realista. Por: Rosa Amaral

**O senhor arquitecto foi um dos primeiros "verdes" a lutar contra os crimes ambientais, mas hoje, numa altura em que finalmente este tema se mediatizou, a sua voz não se faz ouvir entre os muitos grupos ambientalistas. Está desencantado com a situação ou desistiu de falar de ambiente?**

Estes grupos ambientalistas têm andado preocupados com coisas muito importantes como a qualidade do ar, a qualidade da água, os problemas dos resíduos, enfim, todas as consequências negativas da civilização industrial. Mas têm-se preocupado muito pouco com a origem desse mal, que é o ordenamento do território. Por isso, hoje nego-me quase a falar sobre ambiente antes de falar de ordenamento do território.

**Mas o ordenamento do território também é ambiente?**

Não tem sido considerado como ambiente. Tem sido considerado umas vezes como urbanismo, outras vezes como planeamento urbano, outras ainda como engenharia do território. O ordenamento do território que, no fundo, é o problema da paisagem global, tem tido muitos nomes. Mas aí é que está a origem de tudo e é também aí que se encontra a possibilidades de controlo de todos os problemas graves do ambiente como os resíduos ou os da qualidade da água ou do ar.

Sou, portanto, absolutamente contrário a que se faça uma política de ordenamento do território por sectores. Acho que estamos a ter uma visão do território completamente sectorial em que cada entidade profissional defende interesses

parcelares que depois no fim não encaixam uns nos outros. Uma vez dominam os economistas, outras vezes dominam os biólogos, outras ainda os engenheiros civis e tudo anda à volta do encontro deste puzzle absolutamente macabro que caiu sobre o território.

**Então é da opinião de que os PDM's não vieram ajudar a ordenar o território?**

Não ajudaram. Os PDM's têm duas figuras fundamentais que têm vindo a ser destruídas quer pelos governos, quer pelas autarquias, quer inclusivamente pelos próprios profissionais que elaboraram muitos dos planos de ordenamento do território. Isso acontece porque não foi compreendido o alcance dessas figuras que são: a reserva agrícola nacional e a reserva ecológica nacional.

E não tenhamos paliativos, porque o problema grave começou quando se iniciou as desafectações das reservas agrícola e ecológica, apoiadas de todas maneiras e com grande actividade por parte das autarquias. Foi depois que começaram a nascer, para lá do ordenamento do território, os problemas geográficos sectoriais. Primeiro foi o ordenamento da costa. Agora nasceram os ordenamentos das cidades.

Não existe uma visão global e há essencialmente muita ignorância da parte dos responsáveis de que a cidade do século XXI é uma cidade que está integrada no campo. Toda a Europa está a fazer isso. Já não há fronteiras entre o campo e a cidade, daí ter que se pensar num planeamento global.

# do território:



Gonçalo Ribeiro Telles: "Estamos a construir duas ou três vezes mais do que a França e a Alemanha e a construir em altura, o que já ninguém faz".

Os nossos urbanistas ainda não compreenderam isso, ainda fazem a cidade como se houvesse para além dela uma coisa a que chamavam zona rural. Uma definição insípida. Gostava que eles agora definissem qual é a zona rural da área metropolitana de Lisboa.

**Já não existe. Tal como já não existem as aldeias e quintas em redor de Lisboa...**

Isso já foi destruído há muito tempo. Essas quintas dos arredores, que eram elementos fundamentais ambientais e culturais estão sistematicamente a ser destruídas. O plano da Alta de Lisboa passa por cima da Charneca como se a Charneca não existisse. É grave o que está a ser feito no Largo do Médico e no Largo da Feira. Como também é grave o que está a ser feito às quintas adjacentes às aldeias históricas que estão protegidas desde 1970.



· Tudo isso é Património e foi esquecido. Não se importam de ir para os Olivais Velho e ao lado fazer uns "monstros" com sete, oito ou nove pisos... Estamos no reino da confusão.

**Está pois muito pessimista?**

Não estou pessimista, estou a ser realista.

**Vê alguma saída quando são as próprias Câmaras Municipais a contribuir para todo este "desordenamento"?**

Tem que haver saída porque dentro das próprias câmaras, dentro do Governo e mesmo dentro da própria população a reacção já começou. O pior é que é uma reacção que joga com interesses há muito estabelecidos, com rotinas e com o conservadorismo dos serviços e é de facto muito difícil até para os próprios responsáveis poderem de um momento para o outro travar o processo.

O que vale neste país é a construção desenfreada sem se saber sequer para quê. Estamos a construir duas ou três vezes mais do que faz a França ou a Alemanha e a construir em altura para habitação, o que já não se faz em lado nenhum.

Por outro lado, estão a mentir à população quando dizem que se vai avançar com mais estradas e auto-estradas urbanas para resolver o problema das circulação. Não é nada. É só para abrir mais bandas para construção.

Não lhes interessa a integração da estrada na paisagem.

gista conduz um material que é autónomo. Plantamos a árvore, conduzimo-la para o lugar certo, mas depois o seu desenvolvimento é com ela. Isto é que é a arquitectura paisagística. Não é jardinagem, não é decoração, não é vegetização como a Junta Autónoma das Estradas pretende.

As obras da arquitectura paisagista têm que se apoiar numa base científica muito importante, dentro da ecologia, da natureza dos materiais, mas quando se faz uma obra de arquitectura paisagista ela nunca é inaugurada, porque nunca está terminada. É um percurso dinâmico porque o material é vivo.

**É uma obra que está sempre a surpreender o seu criador. Quando vai aos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian fica surpreendido com o rumo que a natureza tomou?**

Nunca fico, porque nunca estão terminados. Aliás, neste momento tenho em mãos uma encomenda para continuar o projecto dos jardins da Gulbenkian.

**E como é que está o seu projecto do corredor verde que liga Lisboa a Monsanto?**

Está a avançar como estão a avançar todos os outros corredores, com todas as dificuldades vindas dos sectores mais conservadores. Mas está-se a avançar. Agora vai ser anunciada a construção do corredor periférico, tanto do lado da Ameixoeira como do lado de Carnide. Está tudo planeado e a construção poderá começar em breve. Temos ainda projectos para a zona central de Chelas. Essa tem grandes dificuldades porque a urbanização do vale de Chelas não é brilhante, antes pelo contrário, tem aspectos muito negativos que têm de ser contrabalançados.

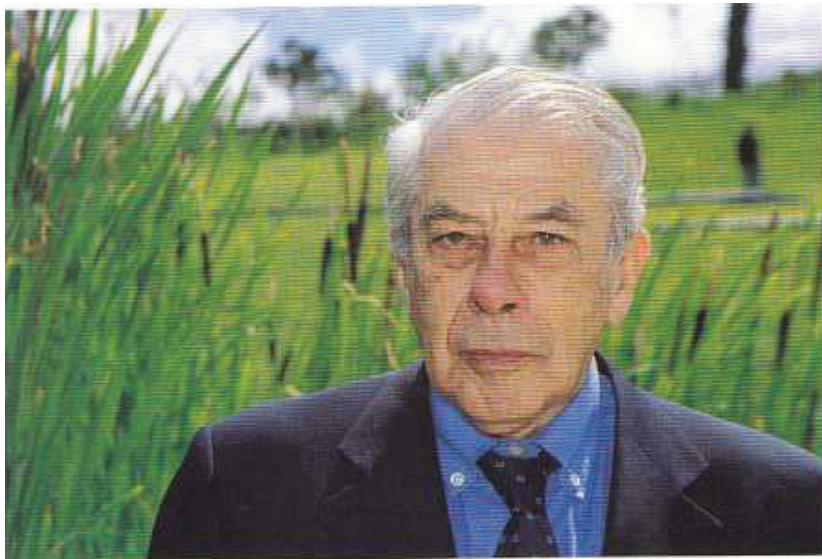
Estou também muito empenhado em remodelar o estudo da Alta de Lisboa, pois o que existe vai destruir valores como seja o percurso das aldeias históricas que vai desde Carnide à Charneca, passando pelo Paço do Lumiar e pela Ameixoeira. Tudo isto está comprometido pela Alta de Lisboa porque possivelmente as pessoas que fizeram o plano não sabiam da existência dos valores que ali estavam. São planos elaborados por muitas pessoas, muito técnicos, alguns deles de prestígio internacional, mas que surtem como devastadores de todo este património.

**E com a benção da Câmara de Lisboa?**

Quem tem mais culpa nas autarquias é muitas vezes quem informa. São os técnicos que informam os políticos. Isto porque também há os políticos que mandam nos técnicos. Temos sempre que ver as coisas dos dois lados.

**E há ainda a Lei, que muitas vezes é esquecida, como aconteceu com o projecto para o Abano, no Parque Natural de Sintra-Cascais...**

Hoje nos jornais vem uma notícia muito interessante. Um parecer dos tribunais que pode travar muita coisa. Tenho esperança que aquele projecto não vá para a frente. Veja o que se passa com a quinta de São Sebastião, em Lisboa. Querem meter na quinta uma banda com cinco andares. E depois fazem-se aquelas contas mirabolantes dos índices e cabe sempre.



Para Gonçalo Ribeiro Telles, se o poder político e as autarquias não alterarem a sua visão das cidades, caminhamos para o terceiro mundo.

não lhes interessa a sustentabilidade dos taludes, isso não interessa porque não dá dinheiro.

É um compromisso que os construtores de auto-estradas e estradas não querem ter.

**E como é que a arquitectura paisagista pode intervir?**

A arquitectura paisagista criou tão bom nome que agora pululam os cursos de arquitectura paisagista. Corremos o risco de confundir arquitectura paisagista com decoração. Faz-se a asneira e depois decora-se.

A arquitectura da paisagem trata do espaço exterior em relação ao homem. E trata do ordenamento e da concepção estética desse espaço exterior. O arquitecto paisa-

### Como é que vê o Programa Polis?

Não vejo como é que se enquadra numa visão moderna de território e de paisagem um programa como o Polis à imagem e semelhança da Expo 98. Nós não vamos fazer pequenas Expo 98 pelo país. Como é que se apoia estes projecto sem existir uma ideia global do que se quer para o país?

Dentro em pouco vamos ter um corredor construído de grande edificabilidade que vai de Braga a Setúbal, pelo litoral. Exactamente no mesmo local onde existem as melhores terras de cultura, o que seria magnífico para criar um grande corredor metropolitano com todas as qualidades necessárias. Mas o que se está a fazer ao longo deste corredor de edificabilidade caótica evidentemente que é um desastre total.

### Sem espaços para as hortas tão defendidas pelo senhor arquitecto?

Isso é um problema que já é internacional principalmente para os países em situação de subdesenvolvimento. A própria ONU, no programa Habitat II, considera que o problema das grandes cidades do século XXI está ligado à agricultura urbana porque não é possível alimentar cidades com 40 milhões de habitantes com produtos frágeis como as vitaminas, e sem os legumes, as frutas e o leite à porta. Como é que cidades gigantescas, por exemplo, a cidade do México, podem ser alimentadas com produtos de qualidade se não tiverem na sua periferia essa produção?

### E Portugal está a perder essa capacidade?

Estamos a perder e estragar. A ONU tem determinações e comissões a trabalhar em diversos países só em cima deste problema. Não chegaram a Portugal porque estão no México, no Brasil, na Ásia, em locais onde o problema é mais agudo. Mas a mensagem é: se não se produzir na cidade aquilo que é consumido em termos de produtos frescos, cai-se no caos total. Nós temos a vantagem de ter um corredor com maior pressão urbana exactamente sobre a área mais rica para a agricultura. Por isso é só uma questão de planeamento.

### E os PDM's não pensam nisso?

Alguns pensam. Mas os PDM's são puzzles. O grande defeito do urbanismo que se faz em Portugal e de muitos PDM's é constituírem um puzzle. Não tratam o urbanismo nem o planeamento do território por sistemas. A ideia de que o planeamento deve ser feito por zonas está ultrapassado. Hoje o planeamento tem de ser feito por sistemas que funcionam em campos contínuos. Não se pode fazer a conservação da natureza exclusivamente num rede de oásis.

Nem se pode pensar em actividades económicas sem sistemas. Por exemplo, 30 por cento das pessoas que fazem agricultura na Europa não são agricultores. Porquê? Porque a distância diminuiu, a comunicação é mais fácil e as pessoas têm um campo de intervenção mais vasto. Vivem nas cidades e mantêm as suas produções nos arredores. Isso é o futuro. Esta tecnologia moderna exige um novo urbanismo. Cá ainda estamos longe. Estes 30 por cento que na França ou na Alemanha se dedicam paralelamente à agricultura integram-se na economia local. Cá não, compram um monte alentejano

mas não se integram no Alentejo. Fazem uma piscina à moda do Estoril, um relvado ridículo no Alentejo e ficam à margem da população.

### O Alentejo não se desenvolveu nada com esta moda dos montes?

Antes pelo contrário. Aliás os montes estão a ser abandonados. E sabe porquê? Porque como estão divorciados da população local são roubados continuamente. As pessoas da terra não se sentem na obrigação de zelar pelos bens de quem não lhes liga. E não protegem aquelas casas como fazem com as dos vizinhos. Ao passo que na Europa isso não acontece. As pessoas vão para o campo e não transportam com eles a vida e os hábitos urbanos. Integram-se.

### Como é que vê o futuro?

Estamos num encruzilhada de desenvolvimento do território muito grave. Por mais que façam Expo 98, por mais que façam Polis, se não tratarem do território como uma globalidade do interesse nacional como diz a Constituição e como diz a Lei de Bases do Ambiente, evidentemente que isto caminha rapidamente para o Terceiro Mundo. ➡



**Quinagre**

Na recuperação do Património

tel.: 21 793 61 16